

APRESENTAÇÃO

Para onde vão os trens, meu pai? Para Mahal, Tami, para Camiri, espaços no mapa, e depois o pai ria: também para lugar nenhum, meu filho, tu podes ir e ainda que se mova o trem tu não te moves de ti.

(*Tu não te moves de ti*, Hilda Hilst)

Talvez o homem estabeleça com o espaço, em suas mais diversas configurações – a paisagem, a cidade e o próprio horizonte de possibilidades da literatura –, uma relação tão antiga quanto aquela existente com a linguagem. Tal tríade, associada ainda à mobilidade geográfica e histórica desses referentes espaciais, ousaríamos dizer, é a base dos doze textos que a revista *Mulemba 12* ora divulga. Esmiuçando as intersecções entre a arte literária e os vãos e desvãos da cidade, foco específico desta publicação, os ensaios debruçam-se, grosso modo, sobre a tensa relação entre um exterior acabado, pronto, que parece demandar um olhar engessado pelos cimentos e vigas da *urbe*, e, paradoxalmente, seu contínuo processo de erosão e reconstrução, bastante similar àquele empreendido por poetas e romancistas.

Composta de duas partes – duas entrevistas e dez artigos – a revista é, orgulhosamente, iniciada com uma entrevista ao escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, realizada pela professora da Universität de Göttingen Doris Wieser. Nela, o romancista aborda questões centrais à cultura de seu país, tais como as diferenças existentes entre o Norte e o Sul, a discrepância entre espaços rurais e modernos e a incidência dessas cisões em seu trabalho como autor. A partir de uma abordagem temática semelhante, segue-se, então, um profícuo diálogo entre o diretor de cinema Sol de Carvalho e Maria Geralda de Miranda acerca da ascensão e reconhecimento da nova cinematografia produzida em países africanos.

No que tange aos artigos, entre novos e reconhecidos pesquisadores, há uma pluralidade de perspectivas certamente enriquecedora aos leitores e estudiosos da área. Em "Lourenço Marques: um percurso erótico sobre o corpo geográfico na poética de Duarte Galvão", Camila de Toledo Piza Costa Machado elucida o

complexo jogo criacional do heterônimo de Virgílio de Lemos e seu minucioso trabalho na composição de uma ideia de cidade metapoética e de alto teor político. Já Carlos Roberto dos Santos Menezes percorre a geografia de Luanda, no artigo intitulado "Entre dribles e máscaras: a construção do mosaico em *O cão e os caluandas*", tendo como ponto de partida a obra do angolano Pepetela.

Ao passo em que Cintia Machado de Campos Almeida põe à luz, em "À procura dos retratos de Maputo: representações da cidade na poesia de Luis Carlos Patraquim", as variadas representações da cidade executadas pelo poeta moçambicano e sua íntima relação com os contextos da pré e pós-independência, a pesquisadora Denise Rocha traça uma dupla cartografia da Luanda do século XVII, no artigo "Luanda colonial e literária em *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*, de Pepetela". Já Fernanda Antunes Gomes da Costa, em "Percepção e amor no corpo do poema: Paula Tavares e o espaço lírico dos sentidos", faz da poesia de Paula Tavares um "corpo passageiro", espaço privilegiado para o enlace amoroso com a "cidade plena".

Em "Maputo, cidade índica: cidade e vida urbana em *Neighbours*, de Lília Moplé", Jessica Falconi aborda a polivalência do signo da cidade associada à multiperspectividade advinda de cada um dos personagens da novela da autora moçambicana. Laize Santos de Oliveira, no artigo "Cartografias da memória", parte da leitura de um único poema de Ondjaki para elucidar alguns dos processos estéticos que o constituem como poeta. Renata Flavia da Silva, em "*A cidade e a infância*, espaço e temporalidade em Luandino Vieira", incorpora conceitos de espaço e temporalidade à obra de Luandino Vieira, tendo como escopo teórico os estudos sobre paisagem de Michel Collot.

Viviane Mendes de Moraes, no artigo "Rui Knopfli e as cidades", traz à tona as relações de afeto entre o poeta Rui Knopfli e a cidade de Maputo, antes e depois de 1975. Encerrando a publicação, Tania Celestino de Macêdo, em "*A Luanda de Luandino Vieira*", trata das representações do espaço luandense, demonstrando como essa cidade é cenário privilegiado em inúmeros textos da literatura angolana.

Os textos que compõem este número 12 da revista *Mulemba*, por um processo infinito de leituras e releituras, apresentam-se, assim, como "espaços no mapa", imaginários ou concretos, possíveis ou utópicos. Esperamos que as cidades aqui estudadas despertem nos leitores novas ideias, gênese para outras construções, outros textos, outras formas de pensar e perceber o mundo, como também quem nos rodeia.

Com votos de uma boa leitura,

a Comissão Editorial.